

Resposta do Académico Jorge Braga de Macedo ao Académico José Luís Cardoso<sup>1</sup>

Pensador (e gestor) de economistas

Senhor Presidente

Eminentíssimos Confrades

Senhoras e Senhores

Cumpre-me responder ao elogio histórico de Armando Gonçalves Pereira, diretor do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras da Universidade Técnica de Lisboa entre 1944 e 1968, por José Luís Cardoso, historiador do pensamento económico que nasceu a meio desse período e entrou para o Quelas em 1973, quando a escola já passara a chamar-se Instituto Superior de Economia.

Através de Maria Manuela Silva, cedo começou a colaborar com o então Gabinete de Investigações Sociais<sup>2</sup>. Assistente do ISE em 1978, iniciou um vaivém urbano cursando sociologia no Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, onde, segundo Miriam Halpern Pereira, “foi um aluno brilhante na cadeira de História na licenciatura de sociologia pois não havia ainda licenciatura em História no ISCTE”<sup>3</sup>. Obteve o diploma do ISCTE em 1981, quando o vizinho GIS se estava a tornar instituto autónomo da Universidade de Lisboa, tendo passado em 2002 a Instituto de Ciências Sociais, Laboratório Associado. Em 2008, trinta e cinco anos depois do seu primeiro livro e dois anos antes da fusão da UTL na ULisboa, Cardoso pereniza a ligação com GIS/ICS, voltando ao Campo Grande.

Mais importante do que o sítio, porém, é o modo como desde cedo enquadrou economistas portugueses no ambiente científico europeu e mundial. Assim, acompanha a *European Society for the History of Economic Thought* desde a sua fundação em 1996, sendo atualmente seu presidente (por sinal na ESHET ainda aparece com a filiação da extinta UTL...).

Manteve-se o peso do Quelas, Mercês e Rua do Comércio no seu modo de pensar economistas por via de Manuel Jacinto Nunes, presidente da Classe de Letras e da Academia das Ciências entre 1980 e 1990. Em 1986, quando preparava a tese de doutoramento, as *Memórias Económicas Inéditas* (rubrica 4.17 no anexo) valeram-lhe o prémio Artur Malheiros da Academia das Ciências, da qual veio a ser eleito sócio correspondente e efetivo em 1995 e 2004 respetivamente. Ainda assim não terá contado que a experiência de gestão de economistas adquirida no Quelas iria alargar-se a outros cientistas sociais no Campo Grande...

Décadas a pensar e gerir economistas não se comparam pois às do seu predecessor imediato na cadeira 15L e ainda menos às dos anteriores, como Tomás Correia, professor de comércio

---

<sup>1</sup> Agradeço comentários a versões anteriores, testemunhos de Maria Manuela Silva e Miriam Halpern Pereira sobre o recipiendário, bem como o envio do seu texto. A secretária e a bibliotecária da Academia prestaram o apoio costumeiro. Na minha Faculdade esclareci dúvidas de indexação e no IICT a Dra Laura Domingues ajudou a estabelecer a lista que serviu de base aos indicadores em anexo.

<sup>2</sup> Em “O Gabinete de Estudos Corporativos (1949-1961) e a génese de uma biblioteca moderna de ciências sociais” (rubrica 2.1, nota 28 p. 14) cita uma mensagem pessoal de MMS revelando “que a confiança existente entre os membros do GEC e o seu director permitia até a aquisição à consignação de obras que, caso estivessem repetidas, seriam devolvidas às livrarias fornecedoras”.

<sup>3</sup> MHP acrescenta que JLC “fêz parte daquela pléiade de licenciados que tiraram 2ª licenciatura em pós-laboral depois do 25 de Abril”.

no ISCEF (eleito sócio efetivo em 1929, quatro anos depois de ser correspondente), para não recuar até Bernardino Machado ou avançar para o nosso querido Mário Soares, que dispensa Economia e Finanças. Convidado pelo Presidente a ocupar essa cadeira em 2014, devendo responder-lhe o confrade António Valdemar, Soares voltou depois a sócio honorário<sup>4</sup>.

Dividi esta resposta em quatro seções, referentes à diversidade dos titulares das nossas cadeiras, ao percurso do novo titular, ao falecido decano da 6ª seção e à evolução da produção científica de José Luís Cardoso.

### 1. Diversidade e dificuldade

A diversidade é timbre dos que ocupam estas cadeiras, o que vai dificultando a resposta aos elogios. Por mim, foi fácil inaugurar lá em baixo a primeira destas oportunas sessões conjuntas, na qual contracenei com o meu vizinho Armando de Lencastre, elogiando António Manuel Pinto Barbosa, economista e governante, a quem sucedi na cadeira 18L em Novembro de 2013. Mas não terá sido tão fácil para meu mestre e amigo Pedro Soares Martínez saudar-me de improviso, substituindo Paulo de Pitta e Cunha, economista sem quartel, que eu vim a saudar, quando, um ano depois, sucedeu na cadeira 13L a José Joaquim Teixeira Ribeiro. Isso foi difícil, não só porque tive de substituir o decano da 6ª seção, entretanto falecido, mas também porque o saudado me havia impelido a cultivar a economia monetária internacional nos Estados Unidos e não no Campo Grande, onde ele me ensinara - uma espécie de vaivém continental...

Responder hoje ao sucessor do pai de André Gonçalves Pereira, outro meu antigo professor, é ainda mais difícil porque me habituei a ver o Zé Luís, menino e moço, na casa de meus pais. Tal como no caso anterior, o recipiendário é mais antigo do que o saudante e este vem substituir o falecido decano da seção. Acresce aqui irmandade antiga, sempre atualizada.

Convidou-me a falar no plenário da conferência anual da ESHET em Rethymnon, Creta em 2002, e dediquei essa lição ao prémio Nobel James Tobin, sócio correspondente estrangeiro que falecera poucos meses antes e cuja sucessão nos levaria a dinamizar a 6ª seção<sup>5</sup>. Conforme detalho abaixo, apoiou os esforços para, nesta Academia, honrar a memória de Jacinto Nunes e do seu malogrado sucessor José da Silva Lopes.

Depois de me ter ajudado a honrar a memória de meu pai, coorganizando uma das conferências que deu os *Nove Ensaios na Tradição de Jorge Borges de Macedo*<sup>6</sup> traduziu a sua contribuição para inglês e publicou-a noutra revista indexada que fundou e dirige, *e-journal of Portuguese History* (rubricas 1.2 e 6.10).

<sup>4</sup> A resposta ao Presidente foi assumida pelo Presidente. Agradeço a António Valdemar ter encontrado dois erros embaraçosos numa versão anterior e a Artur Anselmo o esclarecimento sobre o seu papel.

<sup>5</sup> Comparative development and institutional change, in *Economic development and social change* edited by George Stathakis and Gianni Vaggi, Routledge Studies in the History of Economics, Routledge, pp. 74-96. Antes desafiara-me a escrever um obituário sobre James Tobin para o *European Journal of the History of Economic Thought* que me permitiu comparar apontamentos com Cambridge com Richard Cooper e Ken Galbraith, não tendo conseguido convencer nem o primeiro do interesse de Tobin pelo desenvolvimento nem os organizadores do *Journal of the History of Economic Thought* a publicar "In memory of James Tobin, economist and *honnête homme*", que está disponível em <http://www.jbmacedo.com/papers/tobin.html>.

<sup>6</sup> Publicação do IICT e CG&G lançada numa sessão conjunta em Abril de 2009, na qual apresentaram comunicações o atual Presidente e o então Secretário geral, António Dias Farinha.

Na Faculdade de Economia, lembrou, nos vinte anos da sua morte, Alfredo de Sousa - com quem aliás partilho a fraqueza pelo desenvolvimento internacional, conforme evidenciam as atas da conferência da ESHET, publicadas em 2006 e ainda uma colaboração em curso que também envolve a minha colega Maria Eugénia Mata.

Compreende-se assim a maior dificuldade de saudar o recipiendário abraçando referências comuns, como Miriam Halpern Pereira, uma antiga aluna de meu pai que orientou a sua tese de doutoramento sobre *O Pensamento Económico em Portugal nos Finais do Século XVIII*, 347 pp, rubrica 3.5 dedicada á mulher e filha) e de quem o jovem Cardoso guarda “a definitiva tomada de consciência da importância da componente histórica nos estudos de ciências sociais” (ibid. p. 13). Menos jovem, escreve sobre “Trabalho e lazer na história da ciência económica” (rubrica 6.9, homenagem a Miriam que o ICS publicou em 2009, dedicado a *Portugal nos últimos dois séculos*).

Na tese agradecera também a Francisco Pereira de Moura, Jacinto Nunes e Nuno Valério, que “leram e comentaram alguns trechos deste livro”. Do confrade António Almodôvar, como quem viria a escrever uma dezena de trabalhos, diz que “leu, anotou e discutiu o texto na sua versão (quase) definitiva”.

### **Nascido e criado na Figueira**

Nascido em 10/03/56 na Figueira da Foz ali frequenta o liceu municipal. Escreve em 1983 um *ensaio histórico-biográfico* sobre Manuel Fernandes Tomás publicado pela Câmara Municipal por ocasião do 1º centenário da vila (rubrica 3.6). É um trabalho que Miriam considera fora do quadro universitário apesar de ir dizendo que esse período foi “um momento de grande abertura para o saber, como sempre acontece nos momentos de grande mudança. Era preciso compreender o mundo”. A escolha do ilustre figueirense refletia certamente curiosidade própria pois a ele voltou Cardoso em 2004: “Político, munícipe, parlamentar” (rubrica 7.14).

Para Borges de Macedo, Fernandes Tomás ajudaria certamente a “compreender o mundo” como desejava Miriam porque se lhe devia sobretudo “o mérito do primeiro liberalismo português ter sido estabelecido sem guerra civil”<sup>7</sup>. Isso mesmo resulta do ensaio: só uma monarquia constitucional permitiria rejeitar tanto o domínio espanhol como o inglês (p. 53, p. 68, p. 77).

Em 1978, licenciara-se em Economia pelo ISE, onde se doutorou em 1988 e se agregou em 1994, pouco antes de entrar para a Academia. Com prefácio de Jacinto Nunes, a série “Obras Clássicas do Pensamento Económico Português” do Banco de Portugal, inclui as já citadas *Memórias Económicas Inéditas (1780-1808)* (1987), *Memórias Económicas da Real Academia das Ciências de Lisboa, para o Adiantamento da Agricultura, das Artes, e da Indústria em Portugal, e suas Conquistas* (5 volumes, 1990/91) e *Francisco Solano Constâncio, Leituras e Ensaios de Economia Política (1808- 1842)* (1995)<sup>8</sup>.

<sup>7</sup> *Estudos de Homenagem a Joaquim Veríssimo Serrão* 1995, p. 573 e *Jorge Borges de Macedo: Saber Continuar*, 2005, p. 239 nota 19.

<sup>8</sup> Rubricas 4.12 a 15. e 4.17 em anexo. Do processo académico de JLC consta um artigo de Pedro Ary, intitulado “Mais de 200 anos de Economia em Portugal”, *Valor* nº 401, Julho de 1999, p. 10 onde se resume esta série de publicações. A correspondência referente ao seu percurso académico começa em 06/07/95 e termina com um agradecimento a Pina Martins (05/05/04). Do processo consta ainda uma

Co-organizou ainda os *Ensaio de Homenagem a Manuel Jacinto Nunes* por ocasião da sua jubilação no ISEG em 1996 e no ano seguinte publica *Novos Elementos para a História Bancária de Portugal. Projectos de Banco 1801-1803* na série “História Económica” do Banco de Portugal.

A proposta de Jacinto, também assinada pelo decano Pinto Barbosa, Mário Júlio de Almeida Costa, José Vitorino Pina Martins, Manuel Viegas Guerreiro, Justino Mendes de Almeida e Martim de Albuquerque, chama-lhe o vulto “mais proeminente dos estudiosos do pensamento económico” e considera “mais do que suficientes” para a eleição o primeiro livro e mais sete trabalhos (rubricas 1.25, 2.18-19-20, 6.31-32, 5.21)<sup>9</sup>. Também menciona que é “coordenador geral do projeto de investigação e organização editorial do Centro de Estudos sobre Economia Portuguesa”, financiado pela Fundação Gulbenkian e o Banco de Portugal. Trata-se na verdade do CISEP (Centro de Investigação sobre Economia Portuguesa) - onde também coordenou *Empresários e Gestores da Indústria em Portugal* (rubrica 3.4)<sup>10</sup>.

Na proposta de eleição para a Academia, além de notar os trabalhos citados acima, refere-se que mais de um terço da sua tese de doutoramento assenta nas respetivas *Memórias*. Ocorre salientar que, para além de Domingos Vandelli e José Correia da Serra, citados na parte I, aparecem na tese outros faróis da investigação subsequente de Cardoso como Rodrigo de Sousa Coutinho e Joaquim José Rodrigues de Brito nas partes II e III respetivamente. Esta termina com a polémica entre este e José da Silva Lisboa à volta de Adam Smith, argumentando que o brasileiro defendia o escocês por este ter mais consciência da importância do livre-câmbio. Na conclusão, cita o elogio da orientadora à “notável capacidade de duração” da sociedade portuguesa do antigo regime (p. 306), insurgindo-se na nota 3 contra os “credos marxistas” que pensam o contrário. No final reconhecesse que “muitas são as portas que ficaram por abrir” (p. 308) mas que tal é próprio de “uma tarefa de investigação...que é sempre inacabada...”

A orientação por historiadores manteve-o na história do pensamento económico, soube combinar a investigação com a gestão de cientistas sociais de diferentes origens pois preside ao ICS depois de ter presidido ao Departamento de Economia e ao Conselho Científico do ISEG. Como referido acima, o vaivém urbano não cessou nem impediu a implantação internacional.

---

troca de cartas de finais de 2014, referente a uma suposta falta de assiduidade de confrades da 6ª seção, troca aquela que envolveu também o atua decano e eu próprio.

<sup>9</sup> Por ordem cronológica, que não corresponde às rubricas citadas no texto, e segue aqui invertida. Teaching the history of economic thought. *The European Journal of the History of Economic Thought*, Vol.2, nº1, Spring 1995, 199-216; La diffusion internationale de la physiocratie: quelques problèmes ouverts. com Lluís Argemí e Ernest Lluch, *Economies et Sociétés - Série Oeconomia*, 1995, PE nº 22-23, pp. 473-480; O pensamento económico na época da restauração. *Penélope*, 1993, nº 9/10, 135-149; O pensamento económico de Oliveira Martins, *Actas do Encontro Ibérico sobre História do Pensamento Económico*. Lisboa: CISEP, 1992, 339-355, que organizou com António Almodôvar; A recente historiografia portuguesa do pensamento económico. *Ler História*, 1991, nº 21, 146-53; Economic thought in late eighteenth-century Portugal: physiocratic and Smithian influences in *Adam Smith Across Nations. Translations and Receptions of 'The Wealth of Nations'*, organizado por Cheng-chung Lai, Oxford: Oxford University Press, 2000, 221-233; Francisco Solano Constâncio e a polémica entre Malthus e Say, in *Estudos sobre o Pensamento Económico em Portugal*. Porto: Faculdade de Economia da Universidade do Porto, 1990, 67-82, organizado por Almodôvar).

<sup>10</sup> Com José Maria Brandão de Brito, Fernando Ribeiro Mendes e Maria de Lurdes Rodrigues, publicado pela Dom Quixote em 1990.

## De Salazar a Krugman

No obituário que publicou no *Expresso* (rubrica 7.1), Cardoso conclui que o maior triunfo de Jacinto Nunes “é o reconhecimento público, inequívoco e unânime, do imenso valor do seu legado.” Nesse legado estarão certamente as comunicações à Academia, nomeadamente a publicada no *Simpósio de Estudos Keynesianos* de 1977<sup>11</sup>. Não surpreende então o seu gosto pela multidisciplinariedade e o pluralismo metodológico, que Cardoso considera “poderoso antídoto contra o pensamento único de qualquer estirpe”. Adiante relata que Jacinto Nunes “costumava recordar, com ironia, um dos raros encontros que teve com Salazar” no qual teria expresso “a sua crença nas virtudes do pensamento keynesiano, dele obtendo uma resposta sobranceira: ‘Deixe lá, deixe lá, isso passa-lhe’. Mas não passou.” Ora eu sempre ouvira dizer que essa resposta se dirigia a Luís Teixeira Pinto (1927-2012), Ministro da Economia entre 1962 e 1965...

Felizmente, o próprio Jacinto Nunes conta na conferência sobre o Cinquentenário da Teoria Geral de Keynes (p. 59 das atas publicadas pelo ISE em 1986, que organizou com Eduardo de Sousa Ferreira, rubrica 4.18) que se tratava de Ulisses Cortês (1900-75), Ministro das Finanças entre 1965 e 1968. Explica ainda a sua própria recusa de aceitar o convite aceite pelo seu amigo Teixeira Pinto em termos mais práticos do que doutrinários: “com Salazar a tarefa de Ministro das Finanças estava mais facilitada do que a do Ministro da Economia.”

A minha eleição para sócio efetivo, apoiada por Cardoso, ocorreu em finais de 2007, e a crise financeira que se verificou em 15/08/08 permitiu reforçar a âncora dele na Academia, porventura em risco com o regresso ao Campo Grande e à gestão. Conforme se recorda na frase final das *Memórias Soltas* de Jacinto Nunes (p. 159), a crise teve grande impacto na perceção social dos economistas, tendo assim suscitado a curiosidade de outras disciplinas.

Também surpreendeu que a crise financeira originasse nos membros do “clube reformista” da OCDE e não nos países emergentes. Por isso, a visita da Rainha Isabel II à *London School of Economics* em 05/11/08 e a sua famosa pergunta “se era tudo tão grande, como é que ninguém reparou?” deram pretexto para, um ano depois, debater esboços de resposta através de uma carta enviada por sócios da Academia Britânica (que equivale à Classe de Letras da congénere portuguesa) acerca da crise “de olhos azuis” (como Lula lhe chamou).

Quem, na esteira do saudoso confrade Pina Martins, julgar que a famosa Carta à Rainha Isabel I escrita pelo bispo de Silves em 1565 (a meio do concílio tridentino) se destinava mais a isolar Lutero, fonte de todos os males da Igreja, do que a convencer a destinatária, poderá compreender melhor a resposta preferida pela 6ª seção na sua reunião de 05/11/09: a carta – dirigida a uma hipotética “Rainha Lusófona” com o nome de código LQL (*Letter to Queen Lusophonia*)- deveria incluir perspetivas do Sul, em especial do Brasil e de outros membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, além de confrades da Classe de Ciências, como Rui Vilela Mendes (aqui presente), Rui Malhó (que enviou escusa) e Jean-Pierre Contzen

---

<sup>11</sup> Conforme desenvolvo na homenagem que publiquei no nº 54 da *Nova Cidadania*, seguido acima no texto, Jacinto Nunes chamou-lhe a última peça “de um keynesianismo onde começo a ponderar as alternativas” como escreve na nota prévia do livro de 1998, intitulado *O pensamento de Keynes. Aspectos epistemológicos e metodológicos*, onde reúne trabalhos tendentes a ultrapassar o pensamento cartesiano/euclidiano em favor do modo de pensar “babilónico”, que considera compatível com o paradigma científico de Thomas Kuhn.

(também sócio da Academia Real da Bélgica, o que talvez permitisse alargar a LQL à francofonia, sem ferir suscetibilidades republicanas...). Não esquecendo que o inglês é a língua franca da economia e finanças, aquelas perspetivas visariam esclarecer a perceção dos economistas na crise para além dos países da OCDE, esperando ter efeito na inteligência lusófona global: foi esse o propósito do opúsculo *Writing to Queens while Crises Proceed*, publicado pelo IICT em 2013, e revisto e aumentado em 2015, numa edição do IICT<sup>12</sup> e do Centro Globalização e Governança da Faculdade de Economia dedicada à memória de Manuel Jacinto Nunes, que também inclui contribuições sobre lusofonia, designadamente de Renato Flores e já ofereci à nossa biblioteca (onde está disponível com a cota Avulso B 5656).

Naquela reunião dinamizadora da 6ª seção, concluímos o processo de sucessão de Tobin com base em sugestões dos sócios, sendo proposto ao plenário de efetivos eleger Paul Krugman e Olivier Blanchard. Ao recuperar assim o papel da seção na escolha de sócios correspondentes estrangeiros, continuava-se a caminhar nos âmbitos internacional e interdisciplinar que haviam motivado a decisão dinamizadora tomada no Funchal em Março de 2008, conforme relatado na 2ª edição já citada do *Writing to Queens*. O mesmo foi reafirmado na reunião de 14 de Maio de 2015<sup>13</sup>, na qual também se debateu a sucessão do nosso malogrado confrade Silva Lopes, que soube da sua eleição para sucessor de Jacinto Nunes na cadeira 8L na véspera de cair em coma.

A conferência académica patrocinada pelo Banco de Portugal sobre “Os economistas e a crise”, prevista para a primavera de 2011 para a qual se convidariam Krugman e Blanchard, confrades de ambas as Classes bem como economistas lusófonos foi adiado mas Krugman conseguiu participar numa reunião do projeto LQL. Assim, em 27 de Fevereiro de 2012, numa Aula Magna apinhada, Jacinto Nunes entrega o diploma de sócio correspondente estrangeiro da Academia ao prémio Nobel, na qualidade de decano dos economistas portugueses, por ocasião do seu doutoramento *honoris causa* pelas Universidades de Lisboa, Técnica de Lisboa e Nova de Lisboa, onde a sua lição foi comentada por Silva Lopes, tendo a primeira pergunta sido proferida pelo ora recipiendário. Pergunta sobre a essência do keynesianismo, *et pour cause*, à qual, enquanto moderador, não hesitei em chamar “a pergunta mais longa”...

### **Publicações e tropeções**

Também longa é a lista em anexo de 178 publicações, adaptada da constante do *site* do ICS com data de Março de 2014 (acrescentei o citado obituário, numerei pelas oito categorias e salientei as rubricas anteriores a 2008, constantes do *site* do ISEG). O padrão temporal revela uma alteração substancial da estrutura das publicações que poderá configurar-se como uma resposta às responsabilidades mais abrangentes de gestor do ICS. Depois da segunda travessia para o Campo Grande, a média anual de artigos e capítulos “internacionais” (seções 1 e 5) quadruplicou, mantendo-se a média das outras publicações (artigos e capítulos “nacionais”, livros organizados e escritos, relatórios e outros escritos). O peso do *stock* de artigos e capítulos “internacionais” subiu assim de um quinto para metade<sup>14</sup>. A respeito do critério de

<sup>12</sup> Por casualidade foi hoje aprovada em Conselho de Ministros a integração do IICT na ULisboa exceto algumas atribuições do Arquivo Histórico Ultramarino que passam para a Torre do Tombo.

<sup>13</sup> Como podem testemunhar os confrades Jaime Reis e Manuel Porto, presentes na sessão, já que José Luís Cardoso delegou o seu voto no decano.

<sup>14</sup> A percentagem do total das duas primeiras categorias subiu de 22% no ISEG a 47% no ICS, com a correspondente queda das restantes de 78% para 53% (quadro anexo).

indexação, recorde-se que não é o mesmo para livros e artigos com arbitragem já que o *Web of Science* inclui *Análise Social* nas revistas internacionais ao passo que a Imprensa de Ciências Sociais é uma editora nacional. Por outro lado, o critério da revista indexada não é cumulativo porquanto *Análise Social* não consta do Scopus<sup>15</sup>.

Vem-me ao espírito a data de hoje, 28 de Maio, porque o primeiro livro do recipiendário, dedicado a Manuel Fernandes Tomás, começa com a curiosidade toponímica dele ter nascido numa rua chamada dos tropeções para declarar: “A fazer fé na magia dos nomes, concluiríamos que este homem estava destinado a tropeçar...em qualquer inesperado percalço. Mas nem sempre os fados soam da mais previsível ou predestinada maneira!...” Quero dizer o mesmo deste apaixonado pela história do pensamento económico que soube gerir economistas, outros cientistas sociais e historiadores no Quelhas e no Campo Grande, vindicando o seu precoce treino interdisciplinar num terceiro instituto, vizinho da filiação de destino. E tudo isto sem tropeçar!

Muito obrigado.

#### QUADRO ANEXO: ESTRUTURA DAS PUBLICAÇÕES

ANOS		ICS	ISEG	TOT		ICS	ISEG	TOT	
TOT									
	1	<b>13</b>	<b>14</b>	27		<b>48%</b>	<b>52%</b>	100%	
	2	4	21	25		16%	84%	100%	
	3	0	6	6		0%	100%	100%	
	4	4	14	18		22%	78%	100%	
	5	<b>12</b>	<b>13</b>	25		<b>48%</b>	<b>52%</b>	100%	
	6	11	23	34		32%	68%	100%	
	7	7	34	41		17%	83%	100%	
	8	2	0	2		100%	0%	100%	
		53	125	178	%	30%	70%	100%	
ANUAL		6,5	24,5	31		ICS	ISEG	TOT	
	1	<b>2,0</b>	<b>0,6</b>	0,9	250%	referee 1	<b>25%</b>	<b>11%</b>	<b>15%</b>
	2	0,6	0,9	0,8	-28%	referee 2	<b>8%</b>	<b>17%</b>	<b>14%</b>
	3	0,0	0,2	0,2	-100%	livros org	<b>0%</b>	<b>5%</b>	<b>3%</b>
	4	0,6	0,6	0,6	8%	livros aut	<b>8%</b>	<b>11%</b>	<b>10%</b>
	5	<b>1,8</b>	<b>0,5</b>	0,8	248%	cap int	<b>23%</b>	<b>10%</b>	<b>14%</b>
	6	1,7	0,9	1,1	80%	cap port	<b>21%</b>	<b>18%</b>	<b>19%</b>
						outros			
	7	1,1	1,4	1,3	-22%	art	<b>13%</b>	<b>27%</b>	<b>23%</b>
	8	0,3	0,0	0,1		relatórios	<b>4%</b>	<b>0%</b>	<b>1%</b>
TOT		8,2	5,1	5,7	60%		<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>
SEC 1+5		3,8	1,1	1,7	249%		47%	22%	29%
OUTRAS		4,3	4,0	4,1	8%		53%	78%	71%

Fonte: Lista em anexo

<sup>15</sup> Por isso o critério da seção 1 no anexo passa a ser “Web of Science ou Scopus” em vez de “e”.

**Anexo: Lista de Publicações até Março de 2014 publicada no site do ICS, acrescentada de um obituário no *Expresso* de 19 Julho e salientando publicações anteriores a 2008, tais como constavam da lista no site do ISEG) dividida em 8 grupos no quadro seguinte**

1. Artigos em revista com arbitragem (27 rubricas; *Web of Science* ou *Scopus* para ICS com 13 rubricas, adaptada de *ISI-Social Science Citation Index* e *EconLit-JEL* para ISEG com 14, tendo havido *upgrade* de *Análise Social*, com 5)

1. **O Gabinete de Estudos Corporativos (1949-1961) e a génese de uma biblioteca moderna de ciências sociais.** *Análise Social*, 2013, nº 206, XLVIII (1º), 193-219.
2. **Jorge Borges de Macedo: Problems of the History of Portuguese Economic and Political Thought in the Eighteenth-Century.** *e-Journal of Portuguese History*, 2013, 11:2, 1-8.
3. Enlightened reforms and economic discourse in the Portuguese-Brazilian Empire (1750-1808). *History of Political Economy*, 2012, 44:4, 619-641 (com Alexandre Cunha).
4. Ecos da Grande Depressão em Portugal: relatos, diagnósticos e soluções. *Análise Social*, 2012, nº 203, XLVII (2º), 370-400.
5. Discurso económico e política colonial no Império Luso-Brasileiro (1750-1850). *Tempo*, Julho-Dezembro 2011, V. 16, nº 31, 65-88 (com Alexandre Cunha).
6. Vitorino Magalhães Godinho and the Annales School: history as a way of thinking. *e-journal of Portuguese History*, 2011, 9:2, 105-114.
7. Novos elementos para a história do Banco do Brasil (1808-1829): crónica de um fracasso anunciado. *Revista Brasileira de História*, 2010, V. 30, nº 59, 167-192.
8. Free trade, political economy and the birth of a new economic nation: Brazil 1808-1810. *Revista de Historia Económica – Journal of Iberian and Latin American Economic History*, 2009, 27:2, 183-204.
9. Learning com Bob Coats’s Legacy. *Journal of the History of Economic Thought*, 2009, 31:3, 375-379.
10. F. Solano Constâncio on political economy: a “science of proportions”. *History of European Ideas*, 2009, 35:2, 227-235.
11. Uses and abuses of political economy in Portuguese parliamentary debates (1850-1910). *History of Economic Ideas*, 2009, 17:3, 53-69 (com Carlos Bastien).
12. O seguro social obrigatório em Portugal (1919-1928): acção e limites de um Estado providente. *Análise Social*, 2009, nº 192, Vol. XLIV, 439-470 (com Manuela Rocha).
13. The transfer of the court to Brazil, 200 years afterwards. *e-journal of Portuguese History*, 2009, 7:1, 1-10.
14. Isaac de Pinto (1717-1787) and the Jewish problems: Apologetic letters to Voltaire and Diderot. *History of European Ideas*, 2007, 33:4, 476-487 (com António Vasconcelos Nogueira).
15. From *Homo Oeconomicus* to *Homo Corporativus*: a neglected critique of neoclassical economics. *Journal of Socio-Economics*, 2006, Vol. 36:1, 118-127 (com Carlos Bastien).
16. Corporatism and the Economic Role of Government. *History of Political Economy*, 2005, Vol. 37: Supplement, 333-354 (com António Almodovar).



17. Isaac de Pinto (1717-1787): an Enlightened Economist and Financier. *History of Political Economy*. 2005. Vol. 37:2, 263-292 (com António Nogueira)
  18. A proposal for a 'European Currency' in 1861: the forgotten contribution of Carlos Morato Roma. *History of Political Economy*. 2004. Vol. 36:2, 273-293.
  19. Corporatism and the Theory of the Firm: Lessons from the Portuguese Experience. *Journal of the History of Economic Thought*. 2004. Vol. 26:2, 197-219 (com Carlos Bastien).
  20. From Natural History to Political Economy: The Enlightened Mission of Domenico Vandelli in Late Eighteenth-Century Portugal. *Studies in the History and Philosophy of Science*. 2003. Vol. 34:4, 781-803.
  21. Heaven can wait: gatekeeping in an age of uncertainty, innovation and commercialization. *History of Political Economy*, 2002, Vol. 34, Supplement, 190-207 (com Steve Medema e John Lodewijks).
  22. The history of economic thought in Spain and Portugal: a brief survey. *History of Political Economy*, 2002, Vol. 34, Supplement, 137-147.
  23. Confusion de confusions: ethics and options in seventeenth-century stock exchange markets. *Financial History Review*. 2002, Vol.9:2, 109-123.
  24. The road to heterodoxy: F. S. Constâncio and the critical acceptance of classical political economy. *History of Political Economy*, 1999, Vol.31:3, 473-492.
  - 25. Teaching the history of economic thought. *The European Journal of the History of Economic Thought*, Vol.2, nº1, Spring 1995, 199-216.**
  26. A legislação económica do vintismo: economia política e política económica nas Cortes Constituintes. *Análise Social*, 1991, nº 112/113, 471-88.
  27. Economic thought in late eighteenth-century Portugal: physiocratic and Smithian influences. *History of Political Economy*, 1990, 22:3, 429-41.
2. Artigos noutras revistas com arbitragem (25 itens: ICS=4, ISEG=21, tendo havido *upgrade* de *Memórias da ACL* com 2 , *Anais série História* da UAL com 1, *História Económica e História de Empresas* com 1 e *downgrade* de *Economie et Sociétés*, com 2)
1. A Câmara Corporativa (1932-1974) e as políticas públicas no Estado Novo. *Ler História*, 2013, nº 64, 31-54 (com Nuno Estêvão Ferreira).
  2. As contribuições de António José de Ávila nos domínios das finanças e da estatística. *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa - Classe de Letras*, 2012, Tomo XXXVIII (2007), 163-177.
  3. Reflexões periféricas sobre a difusão internacional do pensamento económico. *Nova Economia*, 2009, 19:2, 251-265.
  4. A transferência da corte para o Brasil, 200 anos depois. Balanço comemorativo e historiográfico. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 2009, a. 170, nº 443, 249-266.
  5. A abertura dos portos do Brasil em 1808: dos factos à doutrina. *Ler História*, 2008, nº 54, pp. 9-31.
  6. O Papel de D. João VI na União de Portugal e Brasil. José da Silva Lisboa e a Ideia Liberal. *Revista Brasileira*, 2008, Vol. XIV, nº 54, 63-82.
  7. El terremoto de Lisboa de 1755 y la política de regulación económica del Marqués de Pombal. *Historia y Política*, nº 16, 2006 (2), 209-236.

8. Neo-Smithian political economy in Portugal, 1803-1848. *Économies et Sociétés, Série Oeconomia*, PE, 2004, nº 34:2, 299-324 (com António Almodovar).
9. Corporativismo e Estado-Providência (1933-1962). *Ler História*, 2003, nº 45, 111-135 (com Maria Manuela Rocha).
10. Structuralism and Development Economics in the European Semi-Periphery: the case of Portugal. *Notas Económicas*. 2003, nº 17, 36-51 (com Carlos Bastien).
11. No Tricentenário do Tratado de Methuen: balanço histórico e historiográfico. Memórias da Academia das Ciências de Lisboa, Classe de Letras, 2002/2003, Tomo XXXV, 335-359.
12. Domingos Vandelli, a história natural e a economia política. Memórias da Academia das Ciências de Lisboa, Classe de Letras, 2002/2003, Tomo XXXV, 99-118.
13. O liberalismo económico na obra de José da Silva Lisboa. *História Económica & História de Empresas*, 2002, Vol. V:1, 147-164.
14. Progresso material e civilização: a economia política e a “Geração de 70”. *Penélope*, 2001, nº 25, 65-86.
15. D. Rodrigo de Souza Coutinho, a Casa Literária do Arco do Cego e a difusão técnica e científica em Portugal. *Anais - Série História*, UAL, 2000-2001, Vol. VII-VIII, 193-201.
16. The reception of the General Theory in Portugal: the first 20 years. *Economia*, Vol. XII, Janeiro-Maio-Outubro 1998, 69-93 (com Carlos Bastien).
17. Pompa e circunstância: a economia do luxo na época barroca. *Ler História*, 1996, nº 30, 5-17.
18. **La diffusion internationale de la physiocratie: quelques problèmes ouverts. *Economies et Sociétés - Série Oeconomia*, 1995, PE nº 22-23, pp. 473-480 (com Lluís Argemí e Ernest Lluch).**
19. **O pensamento económico na época da restauração. *Penélope*, 1993, nº 9/10, 135-149.**
20. **A recente historiografia portuguesa do pensamento económico. *Ler História*, 1991, nº 21, 146-53.**
21. La Révolution Française et la pensée économique au Portugal. *Economies et Sociétés - Série Oeconomia*, 1990, PE nº 13, 547-58.
22. Rer Alfred Marshall no centenário dos “Principles of Economics”. *Estudos de Economia*, 1990, Vol. X, nº 3, 241-67.
23. Os escritos económicos e financeiros de Domingos Vandelli. *Ler História*, 1988, nº 13, 31-51.
24. Algumas reflexões sobre objecto e método da história do pensamento económico. *Cadernos de Ciências Sociais*, 1988, nº 7, 97-112.
25. Uma Notícia esquecida: o ensino da economia na Aula do Comércio. *Estudos de Economia*, 1984, Vol. V, nº 1, 87-112.

### 3. Livros autor (ISEG)

1. *História do Pensamento Económico Português. Temas e Problemas*. Lisboa: Livros Horizonte, 2001.
2. *A History of Portuguese Economic Thought*. London and New York: Routledge, 1998 (com António Almodovar).
3. *Pensar a Economia em Portugal: Digressões Históricas*. Lisboa: Difel, 1997.

4. ***Empresários e Gestores da Indústria em Portugal***. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1990 (com J. M. Brandão de Brito, Fernando Ribeiro Mendes e Maria de Lurdes Rodrigues).
5. ***O Pensamento Económico em Portugal nos Finais do Século XVIII***. Lisboa: Editorial Estampa, 1989.
6. ***Manuel Fernandes Tomás: ensaio histórico-biográfico***. Figueira da Foz: Edições da Câmara Municipal, 1983.

4. Livros (organizador, ICS=4 ISEG= 14)

1. *Economic Development and Global Crisis. The Latin American economy in historical perspective*. London and New York: Routledge, 2014 (com Maria Cristina Marcuzzo e María Eugenia Romero Sotelo).
2. *Portugal social de A a Z: temas em aberto*. Lisboa: Expresso / ICS, 2013 (com Pedro Magalhães e José Machado Pais).
3. *Portugal, Brasil e a Europa Napoleónica*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2010 (com Nuno Gonçalo Monteiro e José Vicente Serrão).
4. *Paying for the Liberal State: The Rise of Public Finance in Nineteenth Century Europe, Cambridge*: Cambridge UP, 2009 [com Pedro Lains].
5. *O Terramoto de 1755: Impactos Históricos*. Lisboa: Livros Horizonte, 2007 [com Ana Cristina Araújo, Nuno Gonçalo Monteiro, José Vicente Serrão e Walter Rossa].
6. *Portugal como Problema, a Economia como Solução*. Lisboa: Público/ FLAD, 2006, 2 Vols.
7. *Domingos Vandelli. Memórias de História Natural*. Porto: Porto Editora, 2003.
8. *O Tratado de Methuen (1703): Diplomacia, Guerra, Política e Economia*. Lisboa: Livros Horizonte, 2003.
9. *A Economia Política e os Dilemas do Império Luso-Brasileiro (1790-1822)*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2001.
10. *Dicionário Histórico de Economistas Portugueses*. Lisboa: Temas & Debates, 2001.
11. *Pensamento Económico Português, 1750-1960. Fontes Documentais e Roteiro Bibliográfico*. Lisboa: CISEP, 1998.
12. ***Novos Elementos para a História Bancária de Portugal. Projectos de Banco 1801-1803***. Lisboa: Banco de Portugal, 1997.
13. ***Francisco Solano Constâncio, Leituras e Ensaios de Economia Política (1808-1842)***. Lisboa: Banco de Portugal, 1995.
14. ***Actas do Encontro Ibérico sobre História do Pensamento Económico***. Lisboa: CISEP, 1992 (com António Almodovar).
15. ***Memórias Económicas da Real Academia das Ciências de Lisboa, para o Adiantamento da Agricultura, das Artes, e da Indústria em Portugal, e suas Conquistas***. Lisboa: Banco de Portugal, 1990-1991, 5 vols.
16. *Contribuições para a História do Pensamento Económico em Portugal*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1988.
17. ***Memórias Económicas Inéditas (1780-1808)***. Lisboa: Academia das Ciências, 1987.

**18. Cinquentenário da “Teoria Geral” de Keynes. Lisboa: Instituto Superior de Economia, 1986 (com Eduardo de Sousa Ferreira).**

5. Capítulos em livros internacionais (25 rubricas, ICS=12, ISEG= 13)

1. The political economy of rising capitalism. In Neal, Larry and Williamson, Jeffrey (eds.), *The Cambridge History of Capitalism*. Cambridge and New York: Cambridge University Press, 2014, Vol. I, 574-599.
2. The diffusion of Ricardo and classical political economy in Portugal. In Faccarello, G., and Izumo, M. (eds.), *The reception of David Ricardo in continental Europe and Japan*. London and New York: Routledge, 2014, 137-151.
3. Lifting the Continental Blockade: Britain, Portugal and Brazilian Trade in the Global Context of the Napoleonic Wars. In Coppolaro, L. & McKenzie, F. (Eds.), *A Global History of Trade and Conflict since 1500*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2013, 87-104.
4. Joseph de la Vega (Cordoba 1650? - Amsterdam 1692?). In Sanchez Lissen, R. (ed.), *Economía y Economistas Andaluces (siglos XVI al XX)*. Madrid: Ecobook, 2013, 155-167.
5. The Great Depression in Portugal: diagnoses and remedies. In Psalidopoulos, M. (ed.), *The Great Depression in Europe: economic thought and policy in a national context*. Athens: Alpha Bank, 2012, 361-393.
6. The teaching of political economy in Portugal in the nineteenth and early twentieth centuries. In Massimo Augello and Marco Guidi (eds.), *The Economic Reader: Textbooks and Manuals and the dissemination of the economic sciences during the 19th and early 20th centuries*. London and New York: Routledge, 2012, 189-213 (com António Almodovar).
7. Economics in an age of crisis: lessons from the past and present. In Christian Gehrke, Neri Salvadori, Ian Steedman and Richard Sturn (eds.), *Classical Political Economy and Modern Theory. Essays in honour of Heinz Kurz*. London and New York: Routledge, 2012, 313-329.
8. Public Finance in Portugal, 1796-1910. In Cardoso, José Luís e Pedro Lains (eds.), *Paying for the Liberal State: The Rise of Public Finance in Nineteenth Century Europe*, Cambridge: Cambridge UP, 2010, 251-278 (com Pedro Lains).
9. 1808: l'année zero de l'autonomie économique du Brésil. In Jorge Couto (ed.), *Rio de Janeiro, Capitale de l'Empire Portugais (1808-1821)*. Paris: Édition Chandaigine, 2010, 165-176.
10. F. S. Constâncio et la réception critique de J. -B. Say au Portugal. In André Tirain (eds.), *Jean-Baptiste Say: Influences, critiques et postérité*. Paris: Éditions Classiques Garnier, 2010, 69-92.
11. The Science of Things Generally? In Cowell, Frank and Witztum, Amos (eds.), *Lionel Robbins's Essay on the Nature and Significance of Economic Science - 75th Anniversary Conference Proceedings*. London: LSE, STICERD, 2009, 387-402 (com Nuno Palma).
12. Economics in Portugal. In *The New Palgrave Dictionary of Economics*, 2nd Edition, edited by Steven Durlauf and Lawrence Blume. London: Palgrave-Macmillan, 2008 (com António Almodovar).
13. Joseph de la Vega and the *Confusion de Confusiones*. In : Poitras, Geoffrey, *Pioneers of Financial Economics*. Cheltenham: Edward Elgar, 2006, Vol. I, 64-75.

14. Political Economy in Portuguese Parliamentary Debates (1820-1910). In: Augello, Massimo and Marco Guidi (eds.), *Economists in Parliament in the Liberal Age (1848-1920)*. Aldershot: Ashgate, 2005, 27-47 (com António Almodovar).
  15. Natural law, natural history and the foundations of political economy. In: Davis, John B., Marciano, Alain and Runde, Jochen (eds.) *The Elgar Companion to Economics and Philosophy*. Aldershot: Edward Elgar, 2004, Vol. I., 3-23.
  16. The international diffusion of economic thought. In: Samuels, Warren, Biddle, Jeff and Davis, John (eds.), *A Companion to the History of Economic Thought*. Oxford and New York: Blackwell, 2003, 622-633.
  17. Adam Smith in the Spanish and Portuguese Speaking World. In: Tribe, Keith and Mizuta, Hiroshi (eds.), *A Critical Bibliography of Adam Smith*. London: Pickering & Chatto, 2002, 184-197 (com John Reeder).
  18. Italian influences in Portuguese economic thought (1750-1950). In: Asso, Pier Francesco (ed), *From Economists to Economists. The International Spread of Italian Economic Thought (1750-1950)*. Firenze: Edizioni Polistampa, 2001, 209-226.
  19. From learned societies to professional associations. The establishment of the economist profession in Portugal. In: Augello, Massimo and Guidi, Marco (eds.), *The Spread of Political Economy and the Professionalisation of Economists. Economic Societies in Europe, America and Japan in the Nineteenth Century*. London and New York: Routledge, 2001, 126-137 (com António Almodovar).
  20. French traditions and economic thought in Portugal (1850-1910). In: Dockès, Pierre et alii (eds.), *Les Traditions Économiques Françaises, 1848-1939*. Paris: CNRS Editions, 2000, 939-953.
  21. Economic thought in late eighteenth-century Portugal: physiocratic and Smithian influences. In: Lai, Cheng-chung (ed.), *Adam Smith Across Nations. Translations and Receptions of 'The Wealth of Nations'*. Oxford: Oxford University Press, 2000, 221-233.
  22. Las teorías económicas contempladas a través de una óptica nacional (com Ernest Lluch). In: Quintana, Enrique Fuentes (ed.), *Economía y Economistas Españoles*. Barcelona: Galaxia Gutemberg, 1999, Vol.1, 477-484.
  23. Classical economics in Spain and Portugal. In: Kurz, Heinz D. and Salvadori, Neri (eds.), *Elgar Companion to Classical Economics*. Aldershot: Edward Elgar, 1998, Vol. I, 154-159.
  24. The new markets and the search for a new economic reasoning: Portuguese Discoveries and contributions in the sixteenth century. In *Proceedings of the Eleventh International Economic History Congress, B16*. Milano: Università Bocconi, 1994, 33-43.
  25. National case studies in the history of economic thought - lessons from the Portuguese experience. In: Albertone, Manuela and Masoero, Alberto (eds.), *Political Economy and National Realities*. Torino: Fondazioni Luigi Einaudi, 1994, 201-218.
6. Capítulos em livros nacionais (34 rubricas, ICS=11, ISEG=23)
1. Academia Real das Ciências de Lisboa (1779-1820). In Matos, Sérgio Campos (org.), *Dicionário de Historiadores Portugueses da Academia Real das Ciências ao Final do Estado Novo*. Lisboa: Centro de História da Universidade de Lisboa, 2013, 1-18. (Disponível em <http://hdl.handle.net/10451/9253>).

2. Banco do Brasil (1808-1829). In Faria, Miguel F. e Mendes, José Amado (coord.), *Dicionário de História Empresarial Portuguesa, Séculos XIX e XX (Vol. I - Instituições Bancárias)*. Lisboa: INCM e UAL, 2013, 206-209.
3. Desenvolvimento. In Cardoso, José Luís, Magalhães, Pedro e Pais, José Machado (eds.), *Portugal social de A a Z: temas em aberto*. Lisboa: Expresso / ICS, 2013, 45-54.
4. Introdução: visitar Correia da Serra. In Davis, R. B. (ed.), *O Abade Correia da Serra na América 1812-1820*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2013, 13-21.
5. A teoria económica das crises na obra de J. P. da Costa Leite (Lumbrales). In Gaspar, Carlos, Patriarca, Fátima e Matos, Luís Salgado (eds.), *Estado, regimes e revoluções: estudos em homenagem a Manuel de Lucena*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2012, 127-144.
6. Corporativismo, instituições políticas e desempenho económico. In Rosas, Fernando e Garrido, Álvaro (eds.), *Corporativismo, Fascismos, Estado Novo*. Coimbra: Almedina, 2012, 101-120.
7. Bloqueio Continental e desbloqueio marítimo: o Brasil no contexto global das Guerras Napoleónicas. In: Cardoso, José Luís, Monteiro, Nuno Gonçalo e Serrão, José Vicente (eds.), *Portugal, Brasil e a Europa Napoleónica*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2010, 39-60.
8. A economia em tempo de crise: desafios a uma ciência com história. In Neves, Vitor e Caldas, José Castro (eds.), *A Economia sem Muros*. Coimbra: Almedina e CES, 2010, 171-189.
9. **Trabalho e lazer na história da ciência económica. In: Serrão, José Vicente, Pinheiro, Magda e Ferreira, Maria de Fátima (orgs.), *Desenvolvimento Económico e Mudança Social. Portugal nos últimos dois séculos. Homenagem a Miriam Halpern Pereira*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2009, 627-636.**
10. **Problemas de história do pensamento económico português no século XVIII. In: Macedo, Jorge Braga de, Amaral, Luciano, Silva, Álvaro Ferreira e Henriques, António Castro (orgs.), *Nove Ensaios na Tradição de Jorge Borges de Macedo*. Lisboa: Tribuna da História, 2009, 45-53.**
11. A nação e a construção da identidade económica do território. In Matos, Sérgio Campos et al (orgs.), *Nação e Identidade(s) – Portugal, os Portugueses e os Outros*. Lisboa: Editora Caleidoscópico, 2009, 219-29.
12. A transferência da corte e a abertura dos portos: Portugal e Brasil entre a ilustração e o liberalismo económico. In: Oliveira, Luís Valente e Rubens Ricupero, *A Abertura dos Portos*. São Paulo: Editora Senac, 2007, 166-195.
13. Pombal, o terramoto e a política de regulação económica. In: AAVV, *O Terramoto de 1755: Impactos Históricos*. Lisboa: Livros Horizonte, 2007, 165-181.
14. A história nacional e o processo de difusão internacional das ideias económicas. In: AAVV, *Miscellània Ernest Lluch i Martín*. Vilassar de Mar: Fundació Ernest Lluch, 2006, Vol. I, 97-106.
15. Política económica. In: Lains, Pedro e Álvaro Ferreira da Silva (eds.), *História Económica de Portugal*. Lisboa: Publicações ICS, 2005, Vol. I (século XVIII), 345-367.
16. A Riqueza das Nações de Adam Smith. In: AA.VV., *10 Livros que Mudaram o Mundo*. Oeiras: Edições Quasi, 2005, 147-168.

17. A guerra peninsular e a economia do império luso-brasileiro. In: AA.VV., *Guerra Peninsular – Novas Interpretações*. Lisboa: Tribuna, 2005, 239-256.
18. Leitura e interpretação do Tratado de Methuen: balanço histórico e historiográfico. In: Cardoso, José Luís et al, *O Tratado de Methuen (1703): Diplomacia, Guerra, Política e Economia*. Lisboa: Livros Horizonte, 2003, 11-29.
19. Nas malhas do império: a economia política e a política colonial de D. Rodrigo de Souza Coutinho. In: Cardoso, José Luís (ed.), *A Economia Política e os Dilemas do Império Luso-Brasileiro (1790-1822)*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2001, 63-109.
20. História do Pensamento Económico. In: Arruda, José Jobson, e Fonseca, Luís Adão (eds.), *Brasil-Portugal: História, Agenda para o Milénio*. São Paulo: EDUSC, 2001, 213-230.
21. António Vieira e o ‘Tempo dos Flamengos’: retórica anti-holandesa e alvitismo político-económico. In: Andrade, Manuel Correia et alii (eds.), *Tempo dos Flamengos e Outros Tempos. Brasil, Século XVII*. Recife e Brasília: Fundação Joaquim Nabuco, CNPq, 1999, 65-81.
22. Em memória de Armando Castro. *Ler História*, 1999, nº 37, 213-219 (com Carlos Bastien).
23. Elementos para uma avaliação auto-crítica da nobre missão de ensinar. In: AA.VV., *1as Jornadas Pedagógicas do ISEG*. Lisboa: ISEG, 1999, 45-54.
24. Rodrigues de Freitas e Oliveira Martins: controvérsias económicas. In: Almodovar, A., Alves. Jorge F. and Garcia, M. Pilar (eds.), *Rodrigues de Freitas: a Obra e os Contextos*. Porto: FL da Universidade do Porto, 1997, 45-61.
25. Viagens filosóficas e mapas económicos: a redescoberta do espaço social nos finais do século XVIII. In: AA.VV., *Portugal e as Regiões: Perspectivas Históricas*. Coimbra: CCRC, 1996, 7-22.
26. Lavoisier, a economia e a aritmética política. In: AA.VV., *Seminário sobre Lavoisier*. Évora: Universidade de Évora, 1996, 79-89.
27. **O direito natural e a génese da economia como ciência autónoma. In: *Ensaios de Homenagem a Manuel Jacinto Nunes*. Lisboa: ISEG/UTL, 1996, 29-40.**
28. Economia, ética e política na história do pensamento económico. In: *Ensaios de Homenagem a Francisco Pereira de Moura*. Lisboa: ISEG/UTL, 1995, 151-159.
29. Os Descobrimentos Portugueses e a emergência de um novo discurso económico. *Mare Liberum*, 1993, nº 6, 9-17.
30. Valor e valores na ciência económica. *CTS - Ciência, Tecnologia, Sociedade*, 1993, nº 19/20, 39-44.
31. **O pensamento económico de Oliveira Martins. In: Cardoso, José Luís and Almodovar, António (eds.), *Actas do Encontro Ibérico sobre História do Pensamento Económico*. Lisboa: CISEP, 1992, 339-355.**
32. **Francisco Solano Constâncio e a polémica entre Malthus e Say. In: Almodovar, António (ed.), *Estudos sobre o Pensamento Económico em Portugal*. Porto: Faculdade de Economia da Universidade do Porto, 1990, 67-82.**
33. A influência de Adam Smith no pensamento económico português (1776-1811/12). In: Cardoso, José Luís (ed.), *Contribuições para a História do Pensamento Económico em Portugal*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1988, 85-110.

34. Os agentes económicos e a mudança na sociedade portuguesa de antigo regime (1780-1808). In: *O comportamento dos agentes económicos e a reorientação da política económica* (II Conferência do Centro de Investigação sobre Economia Portuguesa). Lisboa: CISEP, 1986, Vol. II, 911-938.
7. Outros artigos, notas, resenhas, entrevistas e *working papers* (41 rubricas: ICS=7, ISEG=34)
1. **In Memoriam Manuel Jacinto Nunes, *Expresso*, 19 Jul 2014**
  2. Corporatism and beyond: an assessment of recent literature. *Working Paper*, ICS, 2012/1 (com Pedro Mendonça).
  3. Entrevista a Jaime Reis. *Análise Social*, 2011, nº 200, 484-499.
  4. Economía política y reformas borbónicas, Reseña de Gabriel B. Paquette, *Enlightenment and Reform in Spain and its Empire, 1759-1808*. Basingstoke and New York: Palgrave Macmillan, 2008. *Revista de Libros*, 2009, Vol. IV, pp. 21-24.
  5. Paul B. Prescott e Jingji Xue, The History of the Introduction of Western Economic Ideas into China, 1850-1950. Hong Kong: The Chinese University Press, 2007. *History of Economic Ideas*, 2009, 17:1, 232-234.
  6. Ana Simões, Maria Paula Diogo, Ana Carneiro, *Cidadão do Mundo - Uma Biografia Científica do Abade Correia da Serra*. Porto: Porto Editora, 2006. *HoST - Journal of History of Science and Technology*, 2008, Vol. 2, 213-230
  7. Andrée Mansuy-Diniz Silva, *Portrait d'un Homme d'État: D. Rodrigo de Souza Coutinho, Comte de Linhares, 1755-1812*. Paris: Centre Culturel Calouste Gulbenkian, 2002 (Vol 1) 2006 (Vol 2). *Ler História*, 2008, nº 54 Vol. II, 223-227.
  8. Jean-Paul Fitoussi, *La Democracia y el Mercado*. Barcelona: Paidós, 2004. *Libros de Economía y Empresa*, 2006, Año I, nº 1, 34-35.
  9. Luis Perdiges de Blas and John Reeder, *Diccionario de Pensamiento Económico en España (1500-2000)*. Madrid: Editorial Síntesis, 2003. *The European Journal of the History of Economic Thought*, 2005, 12:1, 174-177.
  10. Francisco António Lourenço Vaz, *Instrução e Economia. As Ideias Económicas no Discurso da Ilustração Portuguesa (1746-1820)*. Lisboa: Edições Colibri, 2002. *Análise Social*, 2005, nº 175, 428-430.
  11. Jean Pierre Potier and André Tiran (eds.), *Jean-Baptiste Say. Nouveaux Regards sur son Oeuvre*. Paris: Economica, 2003. *The European Journal of the History of Economic Thought*, 2004, 11:2, 326-328.
  12. Gresham's Law. Segura, Julio and Braun, Carlos Rodriguez (eds.), *An Eponymous Dictionary of Economics. A Guide to Laws and Theorems Named After Economists*. Cheltenham: Edward Elgar, 2004, 97-98.
  13. L'internationalisation de la production scientifique portugaise dans les sciences sociales et humaines. *Arquivos do Centro Cultural Calouste Gulbenkian*, 2004, Vol. XLVII, 95-102.
  14. Manuel Fernandes Tomás. Político, munícipe, parlamentar. *Litorais*, 2004, nº 0, 31-36.
  15. Miriam Halpern Pereira, *Diversidade e Assimetrias: Portugal nos Séculos XIX e XX*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2001. *Análise Social*, 2003, nº 165, 1320-1323.
  16. A.W. Bob Coats (ed.). *The Development of Economics in Western Europe Since 1945*. London and New York: Routledge, 2000. *The European Journal of the History of Economic Thought*, 2001, 8:2, 251-252.



17. Pinto Barbosa e a reforma do ISCEF em 1949. *Economia Pura*, Fevereiro 2000, 84-87.
18. Mark Blaug, *Economic Theory in Retrospect* (5th Edition). Cambridge and New York: Cambridge University Press. 1997;
19. Robert B. Ekelund, Jr. and Robert F. Hébert, *A History of Economic Theory and Method* (4<sup>th</sup> Edition). New York and Singapore: McGraw-Hill International Editions, 1997;
20. Ingrid Hahne Rima, *Development of Economic Analysis* (5<sup>th</sup> Edition). London and New York: Routledge, 1996. *The European Journal of the History of Economic Thought*, 1998, 5:3, 541-547.
21. Alon Kadish (ed.). *The Corn Laws. The Formation of Popular Economics in Britain*. London: Pickering & Chatto, 1996 (6 Vols.). *The European Journal of the History of Economic Thought*, 1998, 5:2, 377-380.
22. Comment on a conversation with Arjo Klamer. *Estudos de Economia*, 1998, Vol. XVIII, nº 3, 392-393.
23. Nuno Luís Madureira, *Mercado e Privilégios. A Indústria Portuguesa entre 1750 e 1834*. Lisboa: Editorial Estampa, 1997. *Análise Social*, 1998, nº 145.
24. Francisco Louçã, *Turbulência na Economia*. Porto: Afrontamento, 1997. *Expresso - Livros*, 4 Abril 1998, 41.
25. António Almodovar, *A institucionalização da economia política clássica em Portugal*. Porto: Afrontamento, 1995. *Estudos de Economia*, 1997, Vol. XVI-XVII, Inverno, 109-110.
26. Luís Reis Torgal, José Amado Mendes e Fernando Catroga, *História da História em Portugal, Sécs. XIX-XX*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1996. *Expresso - Livros*, 1 Novembro 1996, 30.
27. Viagens filosóficas e mapas económicos: a redescoberta do espaço social nos finais do século XVIII. AA.VV., *Portugal e as Regiões: Perspectivas Históricas*. Coimbra: CCRC, 1996, 7-22.
28. Lavoisier, a economia e a aritmética política. AA.VV., *Seminário sobre Lavoisier*. Évora: Universidade de Évora, 1996, 79-89.
29. A lei dos mercados de J.-B. Say: análise e crítica de F. Solano Constâncio. *Departamento de Economia do ISEG, Documentos de Trabalho*, 1996, nº 18.
30. Cosimo Perrota and Vitantonio Gioia (eds), *Where is Economics Going? Historical Viewpoints*. Lecce: Congedo Editore, 1994. *The European Journal of the History of Economic Thought*, 1994, Vol. 2:2, 479-481.
31. Economia política, a ciência da felicidade. *Expansão*, Janeiro 1994, 141.
32. Walter Eltis, *Classical Economics, Public Expenditure and Growth*. Aldershot: Edward Elgar, 1993. *The European Journal of the History of Economic Thought*, 1993, Vol. 1:2, 367-368.
33. Pascal Bridel (ed.), *Editing Economists and Economists as Editors*. Genève and Paris: Librairie Droz, 1992. *The European Journal of the History of Economic Thought*, 1993, Vol. 1:1, 172-174.
34. Os Descobrimientos Portugueses e a emergência de um novo discurso económico. *Mare Liberum*, 1993, nº 6, 9-17.
35. Valor e valores na ciência económica. *CTS - Ciência, Tecnologia, Sociedade*, 1993, nº 19/20, 39-44.

36. O estudo de casos nacionais em história do pensamento económico: ensinamentos da experiência portuguesa. *CISEP, Documentos de Trabalho*, 1993, nº 3.
37. A troca das trocas. *Suplemento Especial Diário de Notícias Descobrimentos - a Era de Vasco da Gama*, 1992, 88-90.
38. A Grandeza e a Riqueza das Nações. *Expansão*, Outubro 1992, 141.
39. Maria Beatriz Nizza da Silva (coord.), *O Império Luso-Brasileiro, 1750-1820*. Lisboa: Editorial Estampa, 1986. *Ler História*, 1989, nº 16, 178-180.
40. Carl Menger e as origens da Escola Austríaca. *Portugueses – Revista de Ideias*, Agosto/Setembro 1989, nº 9, 28-30.
41. Reeditar Acúrsio das Neves: como e porquê?. *Estudos de Economia*, 1985, Vol. V, nº 4, 483-485.

#### 8. Relatórios

1. *Empregabilidade e ensino superior em Portugal*. Lisboa: A3ES, 2012 (coord., com Vitor Escária, Vitor Ferreira, Paulo Madruga, Alexandra Raimundo e Marta Varanda).
2. *Indicadores de Medição da Empregabilidade dos Diplomados do Ensino Superior*. Lisboa: A3ES, 2014 (coord., com Vitor Escária, Vitor Ferreira e Alexandra Raimundo).